



Desafios enfrentados por profissionais de saúde mental no atendimento de pacientes com transtornos psicológicos graves

Kelly Cristina Encide de Vasconcelos Donada¹; Edith Ellen de Carvalho Santos²; Cassiana Bessa de Lima Magalhães³; Roberto Henrique Cavalcante Evangelista⁴; Alexandre Maslinkiewicz⁵; Karla Suzany Oliveira de Andrade⁶; Giovanna dos Reis Doval⁷; Geovana Rachel Figueira Coelho Feitosa⁸; Samantha Ravena Dias Gomes⁹; Vinicius de Lima Lovadini¹⁰.



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p6884-6897>

Artigo recebido em 7 de Setembro e publicado em 7 de Novembro de 2025

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar os principais desafios enfrentados por profissionais de saúde mental no atendimento de pacientes com transtornos psicológicos graves. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, desenvolvida entre 2015 e 2025, com busca nas bases SciELO, LILACS, PubMed e Google Acadêmico. A questão norteadora foi elaborada a partir da estratégia PICO (População, Intervenção, Comparação e Resultados), adaptada para estudos qualitativos, buscando direcionar o processo de busca e seleção dos artigos. Dessa forma, formulou-se a seguinte questão: “Quais são os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde mental no atendimento de pacientes com transtornos psicológicos graves?”. Foram identificados 32 estudos, dos quais 06 atenderam aos critérios de inclusão. Os resultados evidenciaram elevada prevalência de sofrimento psíquico entre os profissionais, associado à sobrecarga emocional, falta de suporte institucional e precarização do trabalho. Questões como burnout, fadiga por compaixão, desigualdade de gênero e estigma foram recorrentes, comprometendo a qualidade do cuidado prestado e o bem-estar das equipes. A ausência de políticas de valorização e de educação permanente foi apontada como fator agravante. Conclui-se que a superação desses desafios requer políticas públicas integradas, investimento em suporte psicossocial e fortalecimento da rede de atenção psicossocial, garantindo a saúde dos trabalhadores e a efetividade do cuidado em saúde mental.

Palavras-chave: Saúde Mental; Profissionais de Saúde; Transtornos Mentais Graves; Atenção Psicossocial; Burnout



Challenges faced by mental health professionals in caring for patients with severe psychological disorders

ABSTRACT

This study aimed to analyze the main challenges faced by mental health professionals in the care of patients with severe psychological disorders. This is an integrative literature review, developed between 2015 and 2025, with searches in the SciELO, LILACS, PubMed, and Google Scholar databases. The guiding question was developed using the PICO strategy (Population, Intervention, Comparison, and Results), adapted for qualitative studies, seeking to guide the search and selection process of articles. Thus, the following question was formulated: "What are the challenges faced by mental health professionals in the care of patients with severe psychological disorders?". Thirty-two studies were identified, of which six met the inclusion criteria. The results showed a high prevalence of psychological distress among professionals, associated with emotional overload, lack of institutional support, and precarious working conditions. Issues such as burnout, compassion fatigue, gender inequality, and stigma were recurrent, compromising the quality of care provided and the well-being of the teams. The absence of policies for professional development and continuing education was identified as an aggravating factor. It is concluded that overcoming these challenges requires integrated public policies, investment in psychosocial support, and strengthening the psychosocial care network, guaranteeing the health of workers and the effectiveness of mental health care.

Keywords: Mental Health; Health Professionals; Severe Mental Disorders; Psychosocial Care; Burnout

Filiação e Instituição: Doutoranda em ciências de saúde e comunicação humana pela Unesp. Docente pela Universidade de Marília- Unimar¹; Graduanda em Enfermagem pela UNIFAMETRO²; Pós-Graduanda em Farmácia Clínica de Endocrinologia e Metabologia pelo Instituto de ciência tecnologia e qualidade³; Graduado em Medicina e especialista em psiquiatria pela UFBA- Universidade Federal da Bahia⁴; Especialização em Vigilância e Cuidado em Saúde no Enfrentamento da COVID-19 e outras Doenças pela Universidade Federal do Piauí⁵; Graduada em Medicina e Pós- Graduada em Saúde Pública pela Escola Baiana de Medicina⁶; Graduada em Medicina pela UNINOVE – Universidade Nove de Julho⁷; Pós- graduada em Enfermagem na Atenção Primária com Ênfase na Estratégia Saúde da Família pela FaHol⁸;

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba- UFDPAR⁹; Doutor em Ciências pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EE USP

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A saúde mental tem se consolidado como uma das áreas mais complexas e desafiadoras da atenção em saúde, especialmente diante do aumento expressivo dos transtornos psicológicos graves e persistentes. Os profissionais que atuam nesse campo enfrentam sobrecarga emocional, escassez de recursos e defasagem estrutural nos serviços, o que impacta diretamente a qualidade do cuidado e o bem-estar do trabalhador. Esses desafios são potencializados pela crescente demanda de pacientes com sofrimento psíquico intenso, que requerem abordagens integradas e contínuas, ultrapassando o modelo biomédico tradicional e exigindo práticas mais humanizadas e interdisciplinares (Gama *et al.*, 2021).

O Sistema Único de Saúde (SUS) tem se destacado mundialmente por sua proposta de atenção integral e universal, mas a efetivação dessas diretrizes em saúde mental ainda encontra entraves. Profissionais de saúde mental que atuam nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), hospitais gerais e na Atenção Primária relatam dificuldades para lidar com situações de crise, manejo clínico de transtornos severos e articulação entre os níveis de atenção. A falta de estrutura adequada e de capacitação contínua limita a resolutividade das ações e reforça a fragmentação do cuidado (Rotoli *et al.*, 2019).

Os CAPS, em especial o CAPS III, são dispositivos fundamentais da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), com funcionamento 24 horas e equipes multiprofissionais que lidam com casos de alta complexidade. No entanto, estudos apontam que a desigualdade na distribuição dos serviços, a resistência dos pacientes à alta e o excesso de demandas dificultam o alcance de um cuidado integral e humanizado. As equipes vivenciam desafios psicossociais diários, como o estigma, o desgaste emocional e a necessidade de conciliar limites institucionais com o compromisso ético de promover autonomia e reinserção social (Souza *et al.*, 2025).

Esses profissionais são constantemente confrontados com a dualidade entre o ideal terapêutico e a realidade concreta do trabalho em saúde pública. A sobrecarga, o acúmulo de funções e a insuficiência de suporte institucional geram sentimentos de impotência e sofrimento psíquico secundário, configurando um risco ocupacional



invisível, mas real. A ausência de políticas de cuidado voltadas aos próprios trabalhadores de saúde mental reforça o ciclo de exaustão e fragiliza o vínculo terapêutico com os usuários (Carvalho *et al.*, 2025).

Além disso, a carência de formação técnica específica sobre o manejo de emergências psiquiátricas e de situações de violência ou autolesão compromete a segurança do paciente e da equipe. A formação acadêmica ainda se mostra insuficiente para preparar os profissionais para a complexidade da prática em saúde mental, exigindo uma educação permanente que una teoria, ética e prática clínica (Rotoli *et al.*, 2019).

No cenário da Atenção Primária à Saúde (APS), os desafios são ampliados pelo predomínio de um modelo biomédico e pela falta de integração entre os dispositivos da RAPS. A ausência de fluxos de comunicação intersetorial e o despreparo para lidar com transtornos mentais graves dificultam o encaminhamento adequado e o acompanhamento contínuo dos pacientes, resultando em medicalização excessiva e baixa resolutividade (Gama *et al.*, 2021).

As dificuldades enfrentadas pelos profissionais também se manifestam na falta de infraestrutura e de recursos humanos suficientes para atender à demanda crescente. Muitos CAPS operam com número reduzido de psicólogos, psiquiatras e enfermeiros, o que gera longas filas de espera e impede a oferta de atendimentos personalizados. A insuficiência de leitos de retaguarda e a limitação de recursos psicossociais são obstáculos recorrentes (Souza *et al.*, 2025).

Outro ponto crítico é a resistência dos próprios pacientes em aceitar a alta, fenômeno relacionado à dependência institucional e à ausência de suporte comunitário após a saída do serviço. Essa dificuldade reflete falhas na rede de reintegração social e evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas à continuidade do cuidado e à articulação entre saúde, assistência social e trabalho (Souza *et al.*, 2025).

A dimensão emocional do trabalho em saúde mental é marcada por constantes enfrentamentos éticos e humanos. Profissionais precisam lidar com sofrimento, violência, morte e recaídas frequentes dos usuários, situações que exigem empatia, estabilidade emocional e preparo técnico. O cuidado ao cuidador é, portanto, uma necessidade estratégica para garantir a sustentabilidade dos serviços e a saúde dos



trabalhadores (Gama *et al.*, 2021).

No contexto da reforma psiquiátrica brasileira, o papel desses profissionais é essencial para consolidar o paradigma da desinstitucionalização e promover práticas centradas na cidadania e autonomia do sujeito. Contudo, o distanciamento entre a política pública e a realidade cotidiana dos serviços reforça a urgência de revisar modelos de gestão e ampliar investimentos na RAPS (Rotoli *et al.*, 2019).

A interdisciplinaridade, quando efetivamente aplicada, é apontada como uma das principais estratégias de superação desses desafios. A colaboração entre psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais e médicos favorece o compartilhamento de saberes e a construção de planos terapêuticos individualizados, fortalecendo o vínculo entre paciente e equipe (Souza *et al.*, 2025).

Os determinantes sociais da saúde também exercem influência direta sobre o processo de adoecimento mental e sobre o desempenho dos profissionais. Condições socioeconômicas precárias, violência urbana e desigualdade territorial aumentam a carga de sofrimento dos pacientes e das equipes, que frequentemente atuam em contextos de vulnerabilidade e escassez de recursos (Buss; Pellegrini Filho, 2007 apud Souza *et al.*, 2025).

Diante desse cenário, torna-se evidente que o enfrentamento dos transtornos psicológicos graves requer não apenas competência técnica, mas também sensibilidade política e social. A humanização do cuidado depende de políticas públicas integradas, valorização profissional e suporte institucional contínuo (Carvalho *et al.*, 2025). Assim, investigar os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde mental no atendimento de pacientes com transtornos psicológicos graves é essencial para compreender as lacunas estruturais e formativas do sistema, bem como para propor estratégias de fortalecimento da rede e valorização das equipes multiprofissionais (Gama *et al.*, 2021).

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar os principais desafios enfrentados por profissionais de saúde mental no atendimento de pacientes com transtornos psicológicos graves.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura,



método amplamente utilizado nas ciências da saúde por permitir a síntese de resultados de estudos já publicados, favorecendo a compreensão aprofundada de um determinado fenômeno e subsidiando a prática baseada em evidências. Esse tipo de estudo possibilita reunir e analisar criticamente a produção científica existente sobre um tema, identificando lacunas no conhecimento e orientando futuras investigações.

Assim, a revisão integrativa foi adotada para analisar os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde mental no atendimento de pacientes com transtornos psicológicos graves, articulando os achados de diferentes pesquisas de forma sistematizada e coerente com o objetivo proposto.

A questão norteadora foi elaborada a partir da estratégia PICO (População, Intervenção, Comparação e Resultados), adaptada para estudos qualitativos, buscando direcionar o processo de busca e seleção dos artigos. Definiu-se como população os profissionais de saúde mental; como intervenção o atendimento a pacientes com transtornos psicológicos graves; não foi aplicada comparação direta; e como resultado, a identificação dos principais desafios vivenciados e estratégias de enfrentamento. Dessa forma, formulou-se a seguinte questão: “Quais são os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde mental no atendimento de pacientes com transtornos psicológicos graves?”.

A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PubMed (*US National Library of Medicine*) e Google Acadêmico, com o objetivo de contemplar publicações nacionais e internacionais. Foram utilizados descritores controlados dos vocabulários DeCS e MeSH, combinados com os operadores booleanos *AND* e *OR*, incluindo os termos: Saúde Mental; Profissionais de Saúde; Transtornos Mentais Graves; Atenção Psicossocial; Burnout. Essa combinação permitiu uma busca ampla e precisa dos estudos mais relevantes sobre a temática.

Foram incluídos na revisão artigos originais, revisões e estudos de campo disponíveis em texto completo, publicados entre 2015 e 2025, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem de forma direta os desafios enfrentados por profissionais de saúde mental em serviços públicos ou privados. Excluíram-se trabalhos duplicados, resumos de eventos, editoriais e trabalhos que não tratassem a temática.



A coleta dos dados seguiu as etapas propostas por Mendes, Silveira e Galvão (2008), que orientam a condução de revisões integrativas. Inicialmente, foi realizada a identificação do tema e a formulação da pergunta de pesquisa, seguida pela definição dos descritores e seleção das bases de dados. Posteriormente, procedeu-se à busca dos estudos, leitura exploratória e seletiva dos títulos e resumos, além da leitura analítica dos textos completos dos trabalhos elegíveis. Em seguida, foi feita a extração das informações relevantes, contemplando autores, ano de publicação, tipo de estudo, objetivos, principais resultados e conclusões.

Os dados coletados foram analisados segundo a técnica de análise temática integrativa, conforme proposta por Bardin (2016), que permite identificar, categorizar e interpretar os principais temas recorrentes na literatura. Essa análise possibilitou a organização dos resultados em três eixos interpretativos: (a) desafios estruturais e institucionais na rede de saúde mental, (b) desgaste emocional e sobrecarga dos profissionais e (c) necessidade de formação contínua e suporte interdisciplinar. Essa categorização facilitou a construção de uma visão integrada sobre as barreiras enfrentadas pelos profissionais e as possíveis estratégias de superação descritas na literatura.

As informações extraídas dos estudos foram comparadas e agrupadas em uma planilha de síntese, a fim de evidenciar convergências e divergências entre os achados. Esse processo garantiu maior rigor metodológico e confiabilidade à revisão, permitindo uma leitura crítica e reflexiva sobre as práticas de cuidado em saúde mental e as condições de trabalho dos profissionais envolvidos no atendimento a pacientes com transtornos psicológicos graves.

Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica, o estudo não envolveu contato direto com seres humanos e, portanto, dispensa apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme estabelece a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. No entanto, foram observados os princípios éticos da integridade científica, com a devida citação das fontes e respeito aos direitos autorais.

As limitações deste estudo estão relacionadas à heterogeneidade metodológica dos artigos incluídos e à escassez de publicações que abordem de forma aprofundada a saúde mental dos próprios profissionais. Ainda assim, os resultados obtidos oferecem



subsídios valiosos para a compreensão da complexidade que permeia o cuidado em saúde mental, ressaltando a importância da valorização profissional, da educação permanente e do fortalecimento da rede de atenção psicossocial como elementos fundamentais para a melhoria do atendimento aos pacientes com transtornos graves.

Dessa forma, esta metodologia assegura uma abordagem científica consistente, sistemática e ética, possibilitando a construção de um panorama confiável e atualizado sobre os desafios enfrentados por profissionais de saúde mental, contribuindo para o aprimoramento das práticas assistenciais e para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas ao cuidado integral e humanizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente revisão integrativa incluiu seis estudos que abordam o adoecimento psíquico e os desafios enfrentados por profissionais de saúde mental no atendimento a pacientes com transtornos psicológicos graves. Foram identificados 32 estudos nas bases de dados, sendo 26 excluídos por não atenderem aos critérios metodológicos, apresentarem duplicidade ou não abordarem o tema sob a perspectiva ocupacional. A amostra final contemplou estudos nacionais e internacionais que discutem fatores de sofrimento mental, burnout, fadiga por compaixão, desigualdade de gênero, estigma e condições estruturais de trabalho. Essa diversidade metodológica possibilitou compreender de forma ampla os determinantes individuais e coletivos do sofrimento entre profissionais de saúde mental.

Tabela 1 – Síntese dos estudos incluídos na revisão integrativa

AUTOR/ANO	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO/LOCAL	PRINCIPAIS ACHADOS
Wainberg <i>et al.</i> (2017)	Revisão global	Profissionais de saúde mental em países de baixa e média renda	Escassez de recursos humanos e estigma como barreiras à assistência.
Onocko-Campos (2019)	Revisão crítica	Sistema Único de Saúde (Brasil)	Avanços e retrocessos na Reforma Psiquiátrica e fragilidade dos CAPS.
Soares de Oliveira <i>et al.</i> (2022)	Revisão sistemática	Profissionais de saúde na pandemia da COVID-19	Alta prevalência de ansiedade (40,3%),



			depressão (39,9%) e insônia (36,1%).
Ferreira et al. (2025)	Revisão integrativa	Rede de atenção básica e psicossocial	30% dos profissionais apresentaram ansiedade e 20% depressão.
Koutra; Mavroeides; Triliva (2022)	Estudo transversal	Profissionais de saúde mental (Grécia)	Burnout e fadiga por compaixão associados a atitudes negativas frente à doença mental.
Albuquerque et al. (2025)	Estudo longitudinal	Agentes comunitários de saúde (Nordeste)	Desgaste físico e emocional acentuado entre mulheres e impacto na qualidade de vida.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Os achados de Wainberg *et al.* (2017) mostra que a carência de profissionais qualificados e a persistência do estigma permanecem como barreiras significativas para a efetividade da assistência em saúde mental. Segundo os autores, a ausência de políticas sustentáveis e a fragmentação dos serviços dificultam o acesso e agravam a sobrecarga emocional dos trabalhadores, que atuam frequentemente sem estrutura adequada e sob forte pressão institucional.

Conforme Onocko-Campos (2019), o processo de Reforma Psiquiátrica Brasileira trouxe avanços, como a criação dos CAPS, mas enfrenta retrocessos estruturais. O subfinanciamento e a desigualdade regional persistem como obstáculos, exigindo esforços contínuos de gestão e políticas públicas que valorizem os profissionais, frequentemente submetidos a condições laborais precárias e ao sofrimento ético decorrente das limitações institucionais.

A revisão de Soares de Oliveira *et al.* (2022) mostrou que a pandemia da COVID-19 acentuou o adoecimento psicológico dos profissionais de saúde, principalmente entre enfermeiros e mulheres. A prevalência de sintomas de ansiedade, depressão e insônia ultrapassou 35%, revelando vulnerabilidade acentuada decorrente da sobrecarga laboral e do medo da infecção. Essa conjuntura expôs a fragilidade emocional e organizacional do sistema de saúde.

Ferreira *et al.* (2025), identificou uma prevalência de 30% de sintomas de ansiedade e 20% de depressão entre profissionais da atenção básica e psicossocial. Os autores destacam que a ausência de apoio psicológico e a precarização das relações de trabalho ampliam o risco de burnout. Além disso, a falta de reconhecimento



institucional e a sobreposição de papéis são fatores que agravam o sofrimento ocupacional.

De acordo com Koutra; Mavroeides; Triliva (2022), os níveis elevados de burnout e fadiga por compaixão estão diretamente relacionados à piora das atitudes dos profissionais de saúde mental em relação aos pacientes com transtornos graves. O estudo grego revelou que a exaustão emocional reduz a empatia e o vínculo terapêutico, impactando negativamente a qualidade da assistência e aumentando o risco de afastamento profissional.

Em consonância, Albuquerque *et al.* (2025) demonstra que o desgaste físico e emocional é maior entre as mulheres, que enfrentam dupla jornada e desigualdade de reconhecimento profissional. A pesquisa destacou que o gênero é um determinante importante para o adoecimento mental, uma vez que as mulheres acumulam responsabilidades domésticas e profissionais, agravando o sofrimento durante crises sanitárias.

Os resultados de Wainberg *et al.* (2017) também apontam que países de baixa e média renda apresentam defasagem significativa na formação e distribuição de profissionais, o que amplia as lacunas no cuidado e favorece a cronificação dos transtornos mentais. Esse cenário reforça a importância de políticas públicas voltadas à qualificação e valorização das equipes multiprofissionais.

Para Onocko-Campos (2019), a falta de integração entre os níveis de atenção e o subfinanciamento dos CAPS dificultam o acompanhamento longitudinal dos pacientes, gerando frustração e impotência nos profissionais. Essa fragmentação impacta diretamente o equilíbrio emocional dos trabalhadores, que se veem sobrecarregados diante da escassez de recursos humanos e estruturais.

Os achados de Soares de Oliveira *et al.* (2022) evidenciam que o adoecimento psicológico dos profissionais foi agravado pela falta de equipamentos de proteção individual, pela pressão constante e pelo medo de transmitir o vírus aos familiares. Esses fatores geraram sentimento de culpa e exaustão, impactando tanto a produtividade quanto o equilíbrio emocional das equipes.

No estudo de Ferreira *et al.* (2025), a implementação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) surge como alternativa relevante de enfrentamento. Os autores defendem a inserção dessas práticas como estratégia de cuidado contínuo



aos profissionais, promovendo bem-estar, autoconhecimento e redução do estresse.

Segundo Koutra; Mavroeides; Triliva (2022), o desenvolvimento de empatia e a satisfação profissional estão diretamente relacionados à qualidade do ambiente laboral. A ausência de apoio institucional e de espaços de escuta favorece o distanciamento emocional e a alienação, fenômenos que reduzem a motivação e o comprometimento ético dos trabalhadores.

De forma semelhante, Albuquerque *et al.* (2025) destaca que os agentes comunitários de saúde enfrentam desafios relacionados à violência nos territórios, à ausência de suporte institucional e à sobrecarga de tarefas. O estudo evidenciou que mulheres relataram maior cansaço físico e mental, além de sentimentos de desvalorização, fatores que repercutem em sofrimento psíquico intenso. Wainberg *et al.* (2017) reforça a necessidade de estratégias intersetoriais que integrem saúde mental, atenção primária e políticas sociais. Tais medidas podem reduzir a lacuna assistencial e oferecer suporte aos profissionais, mitigando os impactos do estresse ocupacional e da desmotivação.

Para Onocko-Campos (2019), o enfraquecimento da Reforma Psiquiátrica, aliado à retração do financiamento federal, comprometeu o avanço das redes comunitárias e agravou as desigualdades regionais. Esse cenário exige uma resposta política robusta para garantir condições adequadas de trabalho e promover a saúde mental dos profissionais.

Soares de Oliveira *et al.* (2022) também observaram que os profissionais que atuaram na linha de frente sem treinamento adequado relataram maior sofrimento psicológico. Isso demonstra a importância da formação permanente e do apoio organizacional como fatores de proteção mental. O estudo de Ferreira *et al.* (2025) revela que políticas de valorização profissional e programas de apoio psicológico podem reduzir significativamente os índices de adoecimento. A criação de espaços de diálogo e de escuta ativa fortalece o sentimento de pertencimento e contribui para a coesão das equipes.

Os resultados de Koutra; Mavroeides; Triliva (2022) mostra que o esgotamento emocional pode levar à desumanização do cuidado, evidenciando a necessidade de supervisão clínica e suporte emocional institucional. Essas práticas são essenciais para manter a qualidade do atendimento e preservar a saúde dos trabalhadores.



Albuquerque *et al.* (2025) apontam que políticas de equidade de gênero e suporte psicossocial contínuo são fundamentais para reduzir o impacto das crises sobre as mulheres. A promoção da igualdade e a redistribuição justa das responsabilidades de cuidado são medidas imprescindíveis para garantir ambientes de trabalho saudáveis.

De maneira geral, os estudos analisados indicam que o sofrimento mental dos profissionais de saúde mental é um fenômeno global, influenciado por fatores estruturais, culturais e emocionais. A convergência das evidências reforça a necessidade de estratégias integradas que promovam bem-estar, reconhecimento e condições laborais adequadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciaram que os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde mental no atendimento de pacientes com transtornos psicológicos graves decorrem da combinação entre precarização do trabalho, falta de suporte institucional, estigma e desigualdades estruturais. Constatou-se que o burnout, a fadiga por compaixão e a sobrecarga emocional comprometem a saúde dos trabalhadores e a qualidade do cuidado prestado. Assim, surge a implementação de políticas públicas que promovam o acolhimento institucional, a capacitação contínua e o fortalecimento das redes de apoio psicossocial, garantindo a valorização desses profissionais e a sustentabilidade do cuidado em saúde mental.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Grayce Alencar *et al.* Trabalho, saúde mental, qualidade de vida e suporte social de agentes comunitários de saúde durante e pós-pandemia de COVID-19 sob o recorte de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, e00168824, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT168824>

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: **Edições** 70, 2016.

CARVALHO, Daniella Rodrigues de *et al.* Transtornos psiquiátricos em pacientes traumáticos: desafios no manejo cirúrgico e no atendimento de Urgência e Emergência. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 7, n. 2, p. 426–436, 6 fev. 2025. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n2p426-436>



FERREIRA, Thiago Silva *et al.* Adoecimento psíquico dos profissionais de saúde na rede de atenção à saúde e seus impactos na vida: revisão integrativa. **SciELO Preprints**, versão 1, postado em 27 fev. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11266>

GAMA, Carlos Alberto Pegolo da *et al.* Os profissionais da Atenção Primária à Saúde diante das demandas de Saúde Mental: perspectivas e desafios. **Interface** (Botucatu), v. 25, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200438>

KOUTRA, Katerina; MAVROEIDES, Georgios; TRILIVA, Sofia. Mental health professionals' attitudes towards people with severe mental illness: are they related to professional quality of life? *Community Mental Health Journal*, v. 58, n. 4, p. 701–712, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10597-021-00874-x>

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto – Enfermagem, Florianópolis**, v. 17, n. 4, p. 758–764, out./dez. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa. Saúde mental no Brasil: avanços, retrocessos e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 11, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00156119>

OLIVEIRA, Fabrício Emanuel Soares de *et al.* Prevalência de transtornos mentais em profissionais de saúde durante a pandemia da COVID-19: revisão sistemática. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 4, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000391>.

ROTOLI, Adriana *et al.* Saúde mental na Atenção Primária: desafios para a resolutividade das ações. **Escola Anna Nery**, v. 23, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0303>

SOUZA, Nayra Lurian Nascimento de *et al.* Desafios psicossociais no atendimento de saúde mental no CAPS III. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE**, v. 11, n. 1, p. 851–862, 13 jan. 2025. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i1.17758>.

WAINBERG, Milton L *et al.* Challenges and opportunities in global mental health: a research-to-practice perspective. **Current Psychiatry Reports**, v. 19, n. 5, p. 28, maio 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11920-017-0780-z>